

O ALVO DOS ATENTADOS ERAM AS MULHERES

Cristopher Hitchens

Extraído da Revista Época

11/07/2007, Edição nº 477

Por que dizem que “graças a Deus os atentados do fim de semana foram frustrados? Se as coisas tivessem sido diferentes, as ruas de Londres e o aeroporto de Glasgow, na Escócia, teriam ficado cobertos de pedaços de corpos. E isso teria sido, na opinião dos supostos responsáveis, uma graça de Deus. Deveríamos levar essa crença a sério. Em vez disso, praticamente qualquer outra explicação foi aventada. O *New York Times* citou três pessoas. Uma atribuiu a atrocidade abortada em Londres à política externa de Tony Blair. Outra disse: “Por incrível que pareça estou tranquilo”. A última, um britânico de origem indiana, estava preocupada: “Eles vão suspeitar de mim”. “Eles” referia-se às autoridades britânicas, não aos gângsteres muçulmanos que declararam aberta a temporada de caça a todos os hindus, judeus, cristãos, secularistas e outros “infiéis imundos”.

No dia seguinte, 1o de julho, o mesmo jornal informava que, no Reino Unido, há uma “população sul-asiática sem direito a voto”. De onde veio esse dado? Há parlamentares muçulmanos que se permitem fazer afirmações inflamadas sobre atos de violência criminosos. Há distritos em que o voto islâmico deixa os candidatos em posição delicada quanto ao que deve ou não ser dito. Radicais muçulmanos boicotam eleições por considerar a democracia profana. Não dá para dizer que não tenham direito a voto.

Só no fim da cobertura admitiu-se que o carro-bomba poderia estar na frente de uma casa noturna porque era “noite das mulheres”. Em 2004, um ataque a uma casa noturna foi justificado sob a alegação de que prostitutas ou vadias mortas não fariam falta a ninguém. A conclusão é óbvia. Os assassinos não queriam quaisquer corpos mutilados, queriam corpos de mulheres.

Os que querem evitar essa conclusão não devem ter visto TV recentemente. Figuras conhecidas falaram sobre como adoram Osama Bin Laden e rejeitam qualquer definição do islã como religião pacífica. Por trás da relutância, há uma suposição subconsciente de que a crítica ao islã político seja um ataque a gente de pele escura. Alguns muçulmanos falam como se considerassem o islã uma propriedade tribal. Na prática, é assim mesmo. A subcultura fascista difundida no Reino Unido sobrevive em razão de dois elementos. Um é a exploração por exilados desonestos da hospitalidade londrina, o outro é a projeção de imigrantes originários do retrógrado e reacionário Paquistão.

Há anos, britânicos de ascendência asiática, como Hanif Kureishi, Mônica Ali e Salman Rushdie, vêm alertando sobre esse perigo. Eles sabem como são os mulás das aldeias. Há pouco tempo fui apresentado ao escritor Nadeem Aslam. Ele conhece o custo dos casamentos arranjados, dotes, véus e outros meios por meio dos quais os acertos feudais do Paquistão rural foram transplantados para Londres e Yorkshire. “Em algumas famílias da minha rua”, ele me diz, “os avós, os pais e as crianças são todos primos em primeiro grau.” Segundo seus cálculos, uma minoria de 11% da população é responsável por mais de 70% dos defeitos de nascença em Yorkshire. Quando a parlamentar Ann Cryer chamou a atenção para essa situação em seu distrito, foi imediatamente atacada. A palavra islamofobia foi a mais leve.

São características de todas as teocracias a repressão sexual e o controle absoluto sobre as mulheres. No Reino Unido, hoje há assassinatos por honra, casamentos forçados, espancamento de mulheres a mando do clero. Os chefes da teocracia agora alegam ter o direito divino de mutilar mulheres aleatoriamente, apenas por causa do que vêem como indecência. São as mulheres vítimas dessa tirania